Público

Iniciativas



O volume

Guilhermina Suggia: A Rainha do Violoncelo é o 15.º caderno biográfico da autoria de Paulo Marques. Ao longo das habituais 50 páginas, o livro percorre os vários momentos da vida da violoncelista, desde

a aprendizagem e primeiros concertos em família até ao reconhecimento internacional, obtido através do sucesso das suas interpretações em salas por toda a Europa.

> Amanhã com o Público Grátis*

*Mediante entrega do cupão publicado na última página do jornal de hoje

Cadernos Biográficos

Evocação de dezasseis personalidades portuguesas do século XX. Todos os sábados e domingos.

Guilhermina Suggia (1885-1950)

Uma precursora no violoncelo

Numa época em que tocar violoncelo a solo era uma profissão de homens, Guilhermina Suggia iniciou uma carreira internacional de sucesso. Tinha apenas 17 anos quando abriu as portas para as mulheres violoncelistas

Ana Filipa Gaspar

Considerada uma conquistadora nata, Guilhermina Suggia foi uma das primeiras mulheres a ver reconhecido o seu talento como violoncelista, com uma carreira a solo de sucesso. A história da sua vida é, sobretudo, feita de música.

A 27 de Junho de 1885, Elisa Augusta Xavier e Augusto Jorge de Medim Suggia assistiram ao nascimento da sua segunda filha, Guilhermina Augusta, no Porto. Violoncelista no Real Teatro de São Carlos e professor no Conservatório de Música de Lisboa, Augusto notou desde cedo a vocação prematura de Guilhermina para a música e, a partir dos 5 anos, começou a dar-lhe aulas. Dois anos depois, a pequena violoncelista fez a sua primeira aparição pública ao piano em Matosinhos, ao lado da irmã Virgínia, três anos mais velha.

Com apenas 13 anos, Guilhermina ocupou o lugar de violoncelista principal da Orquestra da Cidade do Porto, ao mesmo tempo que fazia parte do quarteto de cordas Bernardo Moreira de Sá. Em 1898, conheceu o violoncelista catalão Pablo Casals, durante uma temporada estival no casino de Espinho. E, por intermédio do pai, foi aprendiz do músico.

Em Março de 1901, Guilhermina e Virgínia actuaram no Palácio Real de Lisboa e a rainha Dona Amélia gostou tanto da jovem que quis concretizar o seu sonho, oferecendo-lhe uma bolsa para estudar no estrangeiro. Nesse mesmo ano, a violoncelista de 15 anos partiu para Leipzig (Alemanha) para estudar no Conservatório local, junto do prestigiado professor Julius Klengel, violoncelista da Gewandhaus Orquestra.

A 26 de Fevereiro de 1903, após concluir a formação, Guilhermina Suggia fez a sua apresentação no concerto comemorativo do aniversário da Gewandhaus Orquestra. A partir daí, teve início a uma carreira internacional de sucesso, que a levou a percorrer salas de concerto em toda a Europa.

Em 1906, Suggia fixou-se em Paris e reencontrou-se com Casals, com quem manteve um caso amoroso. O casal de violoncelistas mais famoso e talentoso da época viveu na Villa Molitor até separar-se em 1913. No ano seguinte, a intérprete mudou-se para a Grã-Bretanha, regressando esporadicamente a Portugal.

Em Londres, Guilhermina Suggia tocou com orquestras de elevada reputação, como a Royal Philarmonic Society, a State Simphony Orchestra, a BBC Simphony Orchestra e a London Simphony Orchestra. Na imprensa, os seus concertos







obtinham críticas muito positivas. "É quase impossível encontrar algo de novo a dizer sobre a arte de Madame Suggia, mas todas as suas aparições são um fresco deleite", lia-se em 1920 no *Sunday Times*.

Apesar de viver em Londres, Suggia comprou uma casa no Porto em 1924 e também foi aí que, três anos depois, se casou com o médico José Casimiro Carteado Mena. Na cidade portuguesa, era vista como uma inglesa excêntrica. Durante a II Guerra Mundial, passou a permanecer mais tempo em Portugal, participando em vários concertos humanitários de angariação de fundos.

No final da década de 1940, cruzou-se com a directora do Conservatório de Música do Porto, Maria Adelaide de Freitas Gonçalves. Juntas, criaram a Orquestra Sinfónica do Conservatório, formada por alunos finalistas. A apresentação da orquestra deu-se a 21 de Junho de 1948 no Teatro Rivoli, num concerto que contou com a presença de Suggia como solista.

Porém, um ano depois, Suggia começava a manifestar sinais de doença. Apesar disso, formou o Trio do Porto com o violinista Henri Mouton e o violetista François Broos. A 31 de Maio de 1950 surgiu pela última vez em público, num recital no Teatro Aveirense. Morreu quase dois meses depois, a 30 de Julho, na sua casa na Rua da Alegria, no Porto.

O instrumento preferido

A carreira de Guilhermina Suggia constituiu uma revolução para o violoncelo ao nível da técnica, da posição e da sonoridade. De facto, ao estudar e tocar este instrumento, Suggia demonstrou que o violoncelo era acessível às mulheres, apesar do seu volume e de na época chegar

a ser considerado indigno por obrigar a uma contorção do dorso. Na opinião da solista, este era o mais extraordinário de todos os instrumentos, o único que possibilitava suster um baixo por um longo período ou cantar uma melodia em qualquer registo. Entre os violoncelos que Suggia

possuía, destacavam-se dois

- um Stradivarius (Cremona, 1717)

e um Montagnana (Cremona,
supostamente 1700). De acordo
com o seu testamento, ambos os
instrumentos foram vendidos
com o objectivo de instituir um
prémio anual com o seu nome para
o melhor aluno de violoncelo do

Conservatório de Música do Porto (atribuído pela primeira vez em 1953) e da Royal Academy of Music. Dessa forma, embora tenha deixado escassas gravações, Guilhermina Suggia quis contribuir para que as futuras gerações continuassem a estudar o instrumento a que dedicou a sua vida.